

Desigualdade de gênero e perspectivas feministas em *Um teto todo seu* de Virginia Woolf

Gender inequality and feminist perspectives in *A room of one's own* by Virginia Woolf

Everton Rocha Vecchi

RESUMO: A literatura tem desempenhado um papel fundamental na análise das desigualdades de gênero ao longo da história. O ensaio *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf (1929), aprofunda nossa compreensão das relações hierárquicas em uma sociedade patriarcal e mostra como as mulheres foram retratadas como inferiores na literatura. Destarte, este estudo tem como escopo definir o feminismo da primeira onda e seus objetivos, explorar o conceito e o funcionamento do patriarcado, analisar algumas das principais ideias feministas na literatura, questionar a representação inferiorizada das mulheres e introduzir conceitos de gênero e identidade de gênero de Judith Butler. Além disso, essa pesquisa destaca as técnicas narrativas inovadoras de Woolf que proporcionam uma representação mais completa da experiência feminina, além de analisar as relações de poder e as desigualdades de gênero na literatura e na sociedade, abordando a inclusão de mulheres não heterossexuais no movimento feminista. Dessa forma, para esse estudo, o método adotado pauta-se na realização de pesquisa bibliográfica com revisão da literatura relevante para fundamentar a proposta apresentada.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero. Feminismo. Patriarcado. Virginia Woolf. *Um teto todo seu*.

ABSTRACT: Literature has played a pivotal role in analyzing gender inequalities throughout history. Virginia Woolf's essay "A Room of One's Own" (1929) deepens our understanding of hierarchical relationships in a patriarchal society and illustrates how women have been portrayed as inferior in literature. Therefore, this study aims to define first-wave feminism and its objectives, explore the concept and operation of patriarchy, analyze key feminist ideas in literature, question the marginalized representation of women, and introduce Judith Butler's concepts of gender and gender identity. Additionally, this research highlights Woolf's innovative narrative techniques that provide a more comprehensive representation of the female experience. It also examines power dynamics and gender inequalities in literature and society, addressing the inclusion of non-heterosexual women in the feminist movement. For this study, the adopted method involves conducting a literature review to establish a foundation for the proposed framework.

Keywords: Gender inequality. Feminism. Patriarchy. Virginia Woolf. *A room of one's own*.

Introdução

A literatura tem desempenhado um papel significativo não apenas na análise de questões históricas, mas também na reflexão sobre os desafios presentes em nossa sociedade. Ao longo da história, as mulheres têm sido frequentemente submetidas a desigualdades sociais devido às rígidas normas de gênero que as excluíram da esfera pública, restringindo seu acesso à educação e às oportunidades profissionais comparadas aos homens. Nesse sentido, *Um teto todo seu* (1929), de Virginia Woolf,

oferece uma profunda visão de como as relações hierárquicas funcionam em uma sociedade patriarcal e como isso acentuou o *status* masculino ao retratar o gênero feminino como inferior na literatura e nas artes. Portanto, o patriarcado e o feminismo também estão representados nesta obra de Woolf. No entanto, qual é a base para a construção de uma representação irreal das mulheres e qual é o propósito da dinâmica entre identidades de gênero e numa mesma identidade de gênero?

Este trabalho, portanto, pretende definir teoricamente o que o feminismo significa de acordo com sua primeira onda e quais eram os principais objetivos que esse momento do feminismo tentou alcançar à época. Além disso, ele busca explicar como o patriarcado é concebido e como opera na sociedade e, em seguida, discutir as principais ideias feministas em relação à literatura, concentrando-se na reconstrução da experiência das mulheres, na reconsideração e exposição da representação das mulheres como “inferiores” e, sobretudo, na análise e determinação das relações de poder tanto no texto quanto na sociedade, expondo os padrões patriarcais. Além disso, será apresentada uma definição de gênero e identidade de gênero segundo Judith Butler a fim de expor a rígida matriz heterossexual estabelecida socialmente e suas consequências.

O ensaio *Um Teto Todo Seu* de Virginia Woolf será analisado à luz das ideias da primeira onda do feminismo, explorando técnicas narrativas inovadoras — como o narrador autodiegético — para recuperar a experiência feminina. A influência social na percepção da inferioridade das mulheres em relação aos homens será examinada, destacando como ela contribui para a diferenciação e alienação de identidades de gênero. As personagens Professor von X e Judith Shakespeare exemplificarão como o patriarcado molda as representações do gênero feminino, impedindo o desenvolvimento das mulheres. Além disso, serão abordados os desafios relacionados à inclusão de mulheres não heterossexuais no movimento feminista do século XIX com base na famosa declaração “Chloe gostava de Olivia” de Woolf (2014, p. 80).

Breves considerações sobre teoria literária feminista

“É estranho pensar que todas as grandes mulheres da ficção tenham sido, até o advento de Jane Austen, não só retratadas pelo outro sexo, mas apenas de acordo com sua relação com o outro sexo.” (Woolf, 2014, p. 81)

Como descrevem Alves e Pitanguy (1985, p. 7-8), o feminismo é um termo cuja definição é difícil de estabelecer por se tratar ser um processo complexo e contínuo, com raízes no passado e em constante evolução, não possuindo uma definição fixa, pois envolve contradições, avanços e recuos. Ainda segundo as autoras, o feminismo ressurgiu em um contexto histórico no qual diversos movimentos de libertação denunciaram várias formas de opressão que iam além das questões econômicas, onde as mulheres buscavam redefinir as relações interpessoais, desafiando estereótipos de gênero e buscando uma sociedade em que as qualidades “femininas” e “masculinas” fossem reconhecidas como atributos de todos os seres humanos, independentemente do gênero. Segundo Garcia,

o feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social. (Garcia, 2011, p. 13)

Ainda conforme Garcia (2011, p. 12), o termo “feminismo” foi inicialmente utilizado nos Estados Unidos em torno de 1911, substituindo expressões do século XIX, tais como “movimento das mulheres” e “problemas das mulheres”. Esse novo movimento buscou mais do que o sufrágio e campanhas pela moral e pureza social, almejando uma determinação intelectual, política e sexual. As feministas americanas tinham como objetivo alcançar um equilíbrio entre as necessidades de amor, realização individual e política, o que era uma tarefa, minimamente, desafiadora. Em termos gerais, sempre que as mulheres, individualmente ou em grupo, criticaram a injustiça imposta pelo patriarcado e reivindicaram seus direitos em busca de uma vida mais justa, estavam participando de ações feministas.

Christa Knellwolf (2001, p. 193), em *Gender and Sexuality*, esclarece de forma mais precisa que o feminismo prosperou no final do século XIX, especificamente na década de 1890, como uma resposta urgente à necessidade de reivindicar demandas sociais, sendo imediatamente reconhecido como um movimento social. No entanto, esse conflito já existia anteriormente devido à imposição de uma sociedade patriarcal. Por

sua vez, como descreve Alan Johnson (2005, p. 5)¹, “uma sociedade é patriarcal na medida em que promove o privilégio masculino ao ser dominada por homens, identificada com homens e centrada em homens. Também é organizada em torno de uma obsessão pelo controle e envolve, como um dos seus principais aspectos, a opressão das mulheres.” Nesse sentido, o patriarcado opera mantendo a supremacia masculina e contribuindo para silenciar e tornar as mulheres invisíveis.

Inúmeras escritoras que recentemente foram resgatadas de um silêncio imposto por uma historiografia tendenciosa patriarcal testemunham uma longa tradição de protesto contra a suposta inferioridade física, moral e intelectual das mulheres. A definição normativa da feminilidade reflete o desejo de perpetuar a posição dependente das mulheres e o uso da educação das meninas como um meio de ensiná-las a internalizar um senso de sua inferioridade intrínseca. (Knellwolf, 2001, p. 194, tradução própria)²

Ainda conforme exposto por Knellwolf (2001), o feminismo da primeira onda, que corresponde às primeiras ações e manifestações feministas no final do século XIX e início do século XX na cultura ocidental, foi caracterizado pela elaboração das primeiras tentativas de abordagens conceituais à posição social das mulheres. Nesse contexto, o movimento feminista foi decisivo no forte desejo de se alcançar a igualdade de gênero, o qual reverberou também na literatura da época.

Durante a primeira onda, autoras feministas escreveram obras focadas na exposição das convenções sociais e, devido ao fato de a literatura estar diretamente ligada a uma posição social, a reavaliação da representação feminina em uma sociedade patriarcal era um objetivo central. A representação, como define Judith Butler, é um termo focado tanto na visibilidade quanto na perpetuação das mulheres em termos políticos e na capacidade de usar a linguagem para mostrar as mulheres de maneira realista ou distorcida (Butler, 2023, p. 18-19).

Conforme Mary Eagleton (2007, p. 106, tradução nossa)³, “[...] a representação literária das mulheres vinha principalmente das mãos dos homens e quase sempre era

¹ No original: “A society is patriarchal to the degree that it promotes male privilege by being male dominated, male identified, and male centred. It is also organized around an obsession with control and involves as one of its key aspects the oppression of women.”

² No original: “Countless female writers who have recently been retrieved from a silence imposed by a patriarchally biased historiography testify to a longstanding tradition of protest against women’s supposed physical, moral and intellectual inferiority. [...] The normative definition of femininity reflects the wish to perpetuate women’s dependent position and that the education of girls is abused as means of teaching them to internalise a sense of their intrinsic inferiority.”

³ No original: “[...] literary representations of women come mostly from the pens of men and are nearly always critiqued for their inadequacy.”

criticada por sua inadequação”. Assim, a dominação patriarcal não se expressava apenas socialmente, mas também textualmente, ao retratar as mulheres de forma estereotipada. Pam Morris (1993), em sua obra *Literature and Feminism*, denuncia a deturpação das mulheres pelos homens, ou seja, o fato de eles não as verem como realmente são e que, ao longo dos séculos, este tem sido um dos principais meios de sustentar e justificar a subordinação das mulheres. Segundo Morris,

os termos “homem” e “mulher” não são usados simetricamente: o termo “homem” é sempre positivo, representando a norma, a humanidade em geral; “mulher” não tem um significado positivo por si só, mas é definida em relação ao “homem” - como aquilo que o homem não é. Por essa razão, não pode haver um equivalente feminino para o verbo “castrado”. (Morris, 1993, p. 14, tradução própria)⁴

Essa declaração envolve a necessidade de grupos sociais se definirem em relação a outros grupos sociais e explica que a representação feminina é o produto das idealizações e medos masculinos e que, conseqüentemente, as mulheres são retratadas como frágeis, emotivas e submissas. Assim, ao marginalizá-las, a sociedade consegue manter sua estrutura existente e impor suas perspectivas como padrões universais. No entanto, a necessidade crucial de deixar de lado essas normas leva as mulheres a reconsiderarem a experiência feminina como leitoras e escritoras (Morris, 1993, p. 14-15).

Ainda segundo Morris (1993), a criação do ponto de vista narrativo é um dos métodos mais influentes para gradualmente fazer com que os leitores compartilhem os valores presentes no texto. O termo “interpelação” é ocasionalmente empregado para descrever o processo no qual os textos, de certa forma, abrem um espaço linguístico para o leitor ocupar. Ao assumirmos esse lugar, assumimos também o ponto de vista e as atitudes que o acompanham. Destarte, nos textos escritos por homens, as atitudes e valores são predominantemente orientados para o masculino e, conseqüentemente, o resultado disto é que

[...] como leitoras, professoras e estudiosas, as mulheres são ensinadas a pensar como homens, a se identificar com um ponto de vista masculino e a aceitar

⁴ No original: “The term ‘man’ and ‘women’ [...] are not used symmetrically: the term ‘man’ is always positive, standing for the norm, for humanity in general; ‘woman’ does not have a positive meaning in its own right, but is defined in relation to ‘man’ – as what man is not. For this reason, there can be no feminine equivalent for the verb ‘emasculate’”

como normal e legítimo um sistema de valores masculino, cujo um dos princípios centrais é a misoginia. (Morris, 1993, p. 28-29, tradução própria)⁵

Assim, a literatura tem servido para consolidar a perspectiva orientada para o masculino e, inconscientemente, as mulheres foram obrigadas a adotar normas, atitudes e julgamentos que favorecem a sociedade patriarcal: “ao cooperar com as estratégias interpelativas do método narrativo, nos tornamos cúmplices da vontade patriarcal de controlar as mulheres” (Morris, 1993, p. 24, tradução própria).⁶

A análise crítica de textos permite aos leitores identificarem as atitudes compartilhadas por uma determinada sociedade. Nesse sentido, Morris (1993, p. 29) argumenta que o desenvolvimento de um senso crítico coletivo que distinga o imaginário da realidade é indispensável para construir um ponto de vista narrativo que questione as normas sociais predominantes e, num segundo momento, reconstrua a posição das mulheres na sociedade e consequentemente na literatura. Por esta razão, durante a primeira onda do feminismo, autoras feministas usaram novas estratégias narrativas ou defenderam o uso de uma linguagem andrógina ao escreverem suas obras.⁷

O conceito de interpelação de Morris (1993, p. 34), portanto, reflete as relações de poder numa sociedade hierárquica que satisfaz as visões predominantemente masculinas em um nível textual, ao mesmo tempo em que coage a passividade feminina por meio da aceitação de escolhas restritas, estoicismo no sofrimento e punição por transgressão. Interessantemente, a primeira onda do feminismo coincidiu com o surgimento do Modernismo como um movimento que, de acordo com Katherine Mullin (2006, p. 136-137), foi caracterizado por um forte desejo de rejeitar as tradições da era vitoriana e favorecer a exploração e elaboração de uma “nova mulher” em suas obras.

No entanto, a relação de poder não se refere apenas à relação binária entre homens e mulheres, mas prova que a relação entre mulheres era complexa. Morris (1993, p. 165) fornece uma visão mais profunda do conflito ao afirmar que “o feminismo

⁵ No original: “[...]as readers and teachers and scholars, women are taught to think as men, to identify with a male point of view, and to accept as normal and legitimate a male system of values, one of whose central principles is misogyny.”

⁶ No original: “By co-operating with the interpellative strategies of the narrative method we become complicit with the patriarchal will to control women.”

⁷ As técnicas narrativas mais representativas durante o feminismo da primeira onda incluíam narradores autodiegéticos, um termo cunhado por Gerard Genette para designar um modo narrativo em que o narrador e a personagem principal são idênticos e a alternância de persona narrativa, uma técnica que envolve explorar a perspectiva de outros personagens ao assumir suas vozes na figura do narrador.

*mainstream*⁸ tendeu a articular o ponto de vista das mulheres brancas heterossexuais como o ponto de vista da mulher. Portanto, as normas sociais foram o principal obstáculo que o feminismo da primeira onda teve que enfrentar.

Nesse contexto, devido à marginalização da experiência feminina, à má compreensão da representação feminina e a relacionamentos frágeis e fragmentados determinados por rígidas normas sociais sobre gênero, é de suma importância compreender o que é a identidade de gênero e como ela é construída.

Judith Butler e identidade de gênero

Judith Butler (2023, p. 18-19) explica em seu livro *Problemas de Gênero* que as sociedades fazem uso de sistemas jurídicos de poder para criar algumas estruturas cuja função é legitimar e moldar indivíduos conforme as normas sociais. Essas estruturas tendem a manter uma matriz heterossexual, que é

[...] um modelo discursivo/epistemológico hegemônico de inteligibilidade do gênero, o qual presume que para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável expresso por um gênero estável que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade. (Butler, 2023, p. 258)

Butler (2023, p. 28) critica essa matriz ao afirmar que o gênero não é inato, mas uma construção cultural. Como Butler (1988, p. 519, tradução própria) define em seu ensaio *Performative Acts and Gender Constitution*, a construção de “gênero é instituída por meio da estilização do corpo e, portanto, deve ser entendida como a maneira mundana pela qual gestos corporais, movimentos e representações de vários tipos constituem a ilusão de uma identidade de gênero duradoura.”⁹

Com relação a essa suposição, Butler deixa de lado a visão binária tradicional de gênero ao separar a relação intrínseca entre sexo e gênero, pois ela argumenta que o

⁸ No original: “*Mainstream feminism*” refere-se ao feminismo convencional ou dominante, que representa as correntes e perspectivas predominantes dentro do movimento feminista. Essa vertente muitas vezes reflete as preocupações e objetivos mais amplamente aceitos na sociedade, buscando alcançar a igualdade de gênero e combater a discriminação com base no gênero. O *mainstream feminism* pode variar em suas abordagens e focos, mas geralmente está alinhado com as questões mais amplas discutidas na sociedade em um determinado período de tempo.

⁹ No original: “gender is instituted through the stylization of the body and, hence, must be understood as the mundane way in which bodily gestures, movements, and enactments of various kinds constitute the illusion of an abiding gendered self.”

gênero não pode ser restrito a um sexo concreto, mas é performativo e se fortalece na sociedade. A autora reforça sua ideia afirmando que,

como uma performance, que é performativa, o gênero é um “ato”, amplamente concebido, que constrói a ficção social de sua própria interioridade psicológica. [...] Estou sugerindo que esse self não está apenas irremediavelmente “fora”, constituído no discurso social, mas que a atribuição de interioridade em si é uma forma de essência publicamente regulada e sancionada. (Butler, 1988, p. 528, tradução própria)¹⁰

Essa afirmação não apenas implica que tanto homens quanto mulheres podem desempenhar gêneros masculinos ou femininos em seus corpos e na sociedade (Butler, 2023, p. 26), mas também sugere que a criação de uma identidade é o resultado direto de atos performativos na sociedade (Butler, 1988, p. 520).

No entanto, a construção da identidade de gênero tem sido um objetivo árduo de se alcançar. Na verdade, a matriz heterossexual está intimamente relacionada ao conceito de interpelação, pois ambos servem para perpetuar normas na sociedade, restringindo tudo o que não se encaixa na sociedade patriarcal por meio de “sanções sociais e tabus”. Esse fato é corroborado pela ideia de uma estrutura existente que apresenta todos os tipos de relações de maneira universal (Butler, 2023, p. 74-75). Essa estrutura universal opera subordinando as mulheres aos homens usando mecanismos culturais que favorecem os interesses da sociedade quando ambos os sexos estão em uma relação paradigmaticamente oposta. Julia Kristeva (2023, *apud* Butler) nos fornece uma percepção mais ampla e profunda de como essas estruturas funcionam usando o conceito de “abjeção”, que implica um mecanismo que desvaloriza, descarta ou proíbe tudo o que não se encaixa na matriz heterossexual e que pode perturbá-la. Significativamente, essa estrutura não apresenta apenas implicações misóginas, mas também conotações racistas e homofóbicas:

[...] o repúdio de corpos em função de seu sexo, sexualidade e/ou cor é uma “expulsão” seguida por uma repulsa que fundamenta e consolida identidades culturalmente hegemônicas em eixos de diferenciação de sexo/raça/sexualidade. [...] mostra como a operação de repulsa pode consolidar “identidades” baseadas na instituição do “Outro”, ou de um conjunto de “Outros” por meio da exclusão e da dominação. O que constitui mediante divisão os

¹⁰ No original: “As performance which is performative, gender is an 'act,' broadly construed, which constructs the social fiction of its own psychological interiority. [...] I am suggesting that this self is not only irretrievably 'outside,' constituted in social discourse, but that the ascription of interiority is itself a publically regulated and sanctioned form of essence fabrication.”

mundos “internos” e “externos” do sujeito é uma fronteira e divisa tenuemente mantida para fins de regulação e controle sociais. (Butler, 2023, p. 231)

Assim, as relações de poder são determinadas pelo uso de mecanismos disponíveis para a parte dominante da sociedade a fim de proteger seus interesses.

Um teto todo seu em análise

O ensaio *Um teto todo seu* de Virginia Woolf (1929), é, de acordo com Jane Goldman (2006, p. 97), indiscutivelmente a contribuição mais importante de Woolf para a crítica e teoria literária, sendo citado como o *locus classicus* para diversos debates feministas. Em relação ao contexto sociopolítico, o livro apresenta ideias progressistas sobre gênero, sexualidade, raça, identidade feminina, educação e patriarcado em uma sociedade onde os valores vitorianos foram questionados como inválidos e, assim, constituíram a base do feminismo moderno.

Em um contexto de demanda por mudanças no paradigma social, *Um teto todo seu* originou-se de duas palestras proferidas em outubro de 1928 em Newnham College e Girton College — à época, as duas faculdades exclusivamente femininas da Universidade de Cambridge — e de uma versão do ensaio intitulado *Women and Fiction*. Embora tenha passado por muitas revisões e expansões, a versão final mantém significativamente a sensação original de uma mulher falando para mulheres. Além disso, Knellwolf (2001, p. 195) sugere que este ensaio de Woolf retrata como as mulheres eram sistematicamente desmoralizadas e a maneira pela qual a sociedade patriarcal as excluía das academias e instituições educacionais, perpetuando sua dependência econômica, o que, por sua vez, as impedia de desfrutar de um espaço onde pudessem escrever livremente sem interrupções no processo criativo.

Além disso, Goldman (2006, p. 97) afirma que Woolf usa uma técnica narrativa chamada “mudança de personas narrativas” por meio de um narrador autodiegético em *Um teto todo seu* a fim de favorecer a exploração de diferentes experiências femininas e mostrar como tratamentos desiguais desmoralizaram as mulheres. Tal técnica narrativa faz-se extremamente relevante, pois expressa subjetividade e uma perspectiva diferente sobre o tema da palestra *Mulheres e Ficção* como “Mulheres e a Ficção que é escrita sobre elas” (Woolf, 2014, p. 11). Além disso, esse estilo narrativo serve para criar um espaço no qual gênero e a mente subjetiva estão relacionados. Essa constituição é feita pelo uso do

pronome pessoal da primeira pessoa do singular “Eu”, que é apenas um termo conveniente para alguém que não tem uma existência real. “Então ali estava eu (chamem-me Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael ou qualquer outro nome que lhes agrade — pouco importa)” (Woolf, 2014, p. 11). Woolf evoca o nome de algumas personagens chamadas Mary da balada escocesa *As Quatro Marias* para destacar a experiência coletiva de muitas mulheres incorporada na narradora, em vez de reduzi-la a um ser único e individualizado.

Além disso, Woolf reivindica que a “ficção [...] provavelmente contenha mais verdade do que fato” (Woolf, 2014, p. 11). Essa conclusão não é acidental, pois os fatos dependem diretamente das circunstâncias sociais em que uma sociedade está imersa e foram calcados a partir de uma única perspectiva. O fato de que a ficção está mais relacionada com a verdade está associado a uma perspectiva que tem sido ignorada: a perspectiva feminina. Assim, Goldman (2006) afirma que aludir às personagens Mary e às autoras femininas — como Christina Rossetti, Jane Austen ou Rebecca West, entre outras — permite a técnica experimental chamada de mudança de personas narrativas e essa técnica contribui para favorecer uma multiplicidade de vozes femininas:

Um teto todo seu é escrito na voz de pelo menos uma dessas figuras chamadas Mary [...]. Ela ventriloquiza grande parte de seu argumento através da voz de sua própria “Mary Beton”. No decorrer do livro, esta Mary encontra novas versões das outras Marys - Mary Seton torna-se uma estudante no “Fernham College”, e Mary Carmichael uma aspirante a romancista - e foi sugerido que as observações iniciais e finais de Woolf podem estar na voz de Mary Hamilton (a narradora da balada [...]). É uma obra com características de colagem e multivocal. (Goldman, 2006, p. 97-98, tradução própria)¹¹

Essa técnica implica que a narradora não está presa a uma única identidade, mas está em constante mudança. Portanto, o uso da primeira pessoa do singular “Eu” não implica individualizar uma identidade, mas sim que a narradora transcende às limitações físicas e molda a identidade de todas as mulheres para enfrentar a sociedade patriarcal, recuperando suas próprias histórias.

Além disso, um tópico importante discutido em *Um teto todo seu* é a origem dessa marginalização das mulheres. O fato de o gênero feminino ser considerado inferior é

¹¹ No original: “*A Room of One’s Own* is written in the voice of at least one of these Mary figures [...]. She ventriloquises much of her argument through the voice of her own ‘Mary Beton’. In the course of the book, this Mary encounters new versions of the other Mary – Mary Seton has become a student at ‘Fernham college, and Mary Carmichael an aspiring novelist – and it has been suggested that Woolf’s opening and closing remarks may be in the voice of Mary Hamilton (the narrator of the ballad. [...]) It is a collage-like and multivocal.”

evidente no início da obra de Woolf, quando a narradora é interrompida em seus pensamentos e impedida de acessar a biblioteca universitária:

Mas para isso alguém teria de decidir o que é estilo e o que é significado, uma questão que..., mas eis-me de fato à porta que leva para a própria biblioteca. Devo tê-la aberto, já que, num instante, como um anjo guardião impedindo o caminho com o esvoaçar de um traje preto em lugar de asas brancas, um cavalheiro desaprovador, prateado e gentil, lamentou em voz baixa, à medida que me dispensava com um gesto, que só se admitiam damas na biblioteca se acompanhadas por um estudante da universidade ou munidas de uma carta de apresentação. (Woolf, 2014, p. 11)

O gênero da narradora é, como pode ser observado, um obstáculo a sua entrada na biblioteca, ou seja, ao acesso à cultura, ao qual não é permitido desfrutar das mesmas oportunidades que os homens. No entanto, as consequências dessa relação são tanto a subordinação do gênero ao sexo quanto a manutenção da supremacia masculina na sociedade, ou seja, o patriarcado. Essa ideia é destacada pelo fato de homens — quaisquer homens — terem escrito sobre mulheres:

O sexo e sua natureza podem muito bem atrair médicos e biólogos, mas o que era surpreendente e difícil de explicar era o fato de o sexo – ou seja, as mulheres – atrair também ensaístas agradáveis, romancistas ligeiros, jovens rapazes com título de mestre; homens sem título nenhum; homens sem qualquer qualificação aparente exceto a de não serem mulheres (Woolf, 2014, p. 31).

Dessa forma, a narradora percebeu que escritores não contribuíram para escrever uma representação justa de como as mulheres são, mas retrataram as mulheres de acordo com seus interesses. Assim, os fatos escritos por homens não corresponderam à verdade real, mas mostram que “a Inglaterra está sob as regras de um patriarcado” (Woolf, 2014, p. 37). Apesar do fato da narradora reconhecer que ambos os gêneros sofrem experiências árduas na vida, ela critica como o sistema patriarcal trabalha para incentivar a autoconfiança masculina, colocando o gênero feminino como um espelho no qual o gênero masculino pode construir sua própria identidade (Woolf, 2014, p. 38-39).

O mais significativo é que Virginia Woolf separa a relação entre sexo e gênero ao defender o uso de uma linguagem andrógina, definida como “ressonante e porosa; que transmite emoção sem empecilhos, que é naturalmente criativa, incandescente e indivisa” (Woolf, 2014, p. 96). Woolf não considera o gênero como algo subordinado ao sexo. Em vez disso, sua ideia de uma mente andrógina quebra a relação binária que

separa os gêneros e subordina o gênero feminino ao masculino, criando uma mente homem-mulher e mulher-homem, semelhante à teoria de gênero de Butler.

A colocação de uma mulher à sombra da letra “I” (Eu) demonstra como a sociedade patriarcal faz uso injusto de recursos para manter seu *status quo* e reforçar a ideia anterior de que uma sociedade preconceituosa considera as mulheres apenas como espelhos nos quais os homens podem aumentar sua identidade e autoconfiança. Além disso, Goldman destaca o uso do “I” no trecho para expressar alienação das mulheres como leitoras e escritoras, já que elas não podem se identificar em uma linguagem que as ignora (Goldman, 2006, p. 100). Apesar desse fato, a narradora chega à conclusão de que não há impedimento para alcançar a linguagem andrógina, que é uma mente consciente do sexo estabelecido pela matriz heterossexual. Portanto, o gênero feminino não é inferior, mas é o que uma sociedade patriarcal perpetuou e consolidou para apoiar a autoconsciência e autoconfiança masculinas e, conseqüentemente, garantir sua supremacia social.

Outras personagens relevantes em *Um teto todo seu* são o Professor von X e Judith Shakespeare, pois ambos indicam como a sociedade funciona sob as regras opressivas que o patriarcado exerce.

No caso do Professor von X, trata-se de um personagem fictício que está escrevendo um livro cujo título é: *A Inferioridade Mental, Moral e Física do Sexo Feminino* (Woolf, 2014, p. 36). Esse título tem um significado substancial, pois declara diretamente que as mulheres são caracterizadas por serem fracas, não racionais e puramente emocionais. Além disso, o fato de o Professor von X escrever “Sexo Feminino” ao invés de “Gênero Feminino” também é importante, pois implica que ele estabelece a conexão entre sexo e gênero. Assim, o título antecipa e declara as representações equivocadas que autores masculinos escreveram sobre as mulheres. Dessa forma, aplicando a definição de gênero de Butler a sua obra, seu trabalho está calcado em bases errôneas, pois o sexo não pode ser associado ao gênero, uma vez que o gênero é performativo em sua essência e isso implica que cada indivíduo constrói sua identidade de gênero por meio de atos na sociedade. Além disso, seu trabalho carece de fundamentos que expliquem por que as mulheres são mental, moral e fisicamente inferiores aos homens. Na verdade, seu trabalho se baseia em emoções agressivas ao invés de dados imparciais e Woolf retrata o processo de escrita do Professor von X como uma luta violenta contra um ser pacífico:

Sua expressão indicava que ele trabalhava sob uma emoção tão forte que o fazia espetar a pena no papel como se estivesse matando um inseto pernicioso enquanto escrevia; mas, mesmo quando já o tinha matado, isso não o satisfazia; ele precisava continuar com a matança, e ainda assim restava algum motivo para a raiva e a irritação. (Woolf, 2014, p. 35)

Sua obra, portanto, serve como uma contradição adequada a sua descrição das mulheres, pois ele as escreve de acordo com sua raiva incontrolável, o que torna seu trabalho insignificante. No entanto, é de extrema importância destacar que o Professor von X personifica o patriarcado, pois “dele era o poder e o dinheiro e a influência [...] Com exceção do nevoeiro, ele parecia controlar tudo” (Woolf, 2014, p. 37). Nesse sentido, Woolf mostra explicitamente como o patriarcado difunde representações e ideias incongruentes sobre as mulheres.

Além disso, Woolf cria a personagem fictícia Judith Shakespeare para expor as barreiras que as escritoras sofreram devido a seu gênero. Judith é tão talentosa quanto seu irmão, William Shakespeare, e é descrita como “incrivelmente talentosa” (Woolf, 2014, p. 49). No entanto, Judith é educada de maneira completamente diferente de seu irmão:

Mas ela não frequentou a escola. Não teve a oportunidade de aprender gramática e lógica, que dirá de ler Horácio e Virgílio. Apanhava um livro de vez em quando, talvez um dos de seu irmão, e lia algumas páginas. Mas logo seus pais surgiam e ordenavam que fosse coser as meias ou cozer o guisado e não mexesse em livros e papéis (Woolf, 2014, p. 50).

Enquanto seu irmão vai a Londres e se torna um grande dramaturgo, ela está prometida a um filho de um mercador de lã vizinho. Ao recusar o casamento arranjado, ela é espancada por seu pai e decide fugir também para Londres e seguir uma carreira como atriz, como fez seu irmão, mas todos riem de seu sonho por ser mulher. Além disso, a jovem é seduzida, vê-se grávida do agente de teatro e, finalmente, suicida-se e é enterrada numa vala comum.

Assim, a história de Judith Shakespeare destaca como os valores patriarcais eram rígidos na era elisabetana. Nesse sentido, a inferioridade e a marginalização das mulheres foram perpetuadas em todos os âmbitos da vida, o que contribuiu para objetificá-las como o reflexo dos valores universais masculinos. No entanto, a história de Judith é narrada como uma tragédia, um dos gêneros mais populares da era elisabetana

e considerada um gênero dramático muito intelectual devido a sua qualidade artística. Dessa forma, Woolf consegue contradizer a suposição de que as mulheres eram muito fracas para desenvolver suas habilidades mentais ao mesmo tempo em que glorifica Judith Shakespeare como um messias que reside em cada mulher que enfrenta as normas patriarcais (Woolf, 2014, p. 109).

Portanto, o gênero tem sido um obstáculo para o desenvolvimento das mulheres e a crença em sua inferioridade foi criada para proteger os interesses dos homens, cujas representações das mulheres não correspondiam à verdade real, mas ao que precisavam mostrar para manter sua supremacia.

Ademais, é relevante ressaltar que mulheres não heterossexuais são também representadas em *Um teto todo seu* a fim de mostrar a relação problemática entre as mulheres durante o feminismo da primeira onda, o que levou à fragmentação dentro do movimento.

A homossexualidade é evocada no romance de Mary Carmichael pela declaração “Chloe gostava de Olivia” (Woolf, 2014, p. 80). De maneira significativa, a narradora fica surpresa com o possível amor entre duas mulheres, já que é a primeira vez que isso aparece na literatura:

Cleópatra não gostava de Otávia. E como Antônio e Cleópatra teria sido completamente diferente se ela tivesse gostado! Do jeito que é [...] a coisa toda é absurdamente simplificada, convencional, se alguém ousasse dizer. [...], mas como teria sido interessante se o relacionamento entre as duas mulheres tivesse sido mais complicado! (Woolf, 2014, p. 80-81)

A narradora explica que essa relação entre mulheres não era possível porque “elas haviam sido mostradas dentro de sua relação com os homens” (Woolf, 2014, p. 81). Simbolicamente, é precisamente a relação binária entre homens e mulheres que tornou impossível criar laços de amor e compreensão entre mulheres. De fato, a restrição de gênero a um sexo específico ajudou a perpetuar o conceito de matriz heterossexual de Butler e a forçar as mulheres a se casarem “contra a vontade, confinadas a um cômodo e a uma ocupação [...]”. (Woolf, 2014, p. 82). No entanto, a tentativa de Woolf de construir um vínculo positivo que ultrapasse as noções sociais preconcebidas entre pessoas do mesmo gênero não apenas estabelece as bases para destruir a matriz heterossexual, mas, na verdade, tornou a homossexualidade possível, visível e fascinante. Como afirma a narradora: “[...] se Chloe gostar de Olivia e Mary Carmichael souber como expressar

isso, ela acenderá uma tocha em um aposento vasto onde ninguém jamais esteve.” (Woolf, 2014, p. 82).

Considerações finais

Uma vez analisado *Um Teto Todo Seu* de Virginia Woolf, é fundamental notar que as normas sociais têm sido o principal fator que segregou as pessoas e que levaram a relações de poder ao afirmar a dominação e forçar subordinações. No entanto, as bases dessas afirmações não puderam provar que provocam diferenças e, portanto, sua veracidade começou a ser questionada nas primeiras décadas do século XIX. Gênero ou sexualidade não podem categorizar indivíduos como inferiores nem os excluir de sua identidade. Nesse sentido, a construção de uma experiência feminina foi necessariamente a primeira a criar um movimento que pudesse ir além das barreiras impostas pelo patriarcado por meio dos princípios básicos de cooperação e respeito. A narradora sem nome é, portanto, a voz motriz que coleta as experiências de figuras femininas fictícias e não fictícias para narrar a perspectiva que nunca foi contada e, conseqüentemente, subverter o domínio que o patriarcado construiu sem fundamento. A ênfase na inferioridade sexual feminina destaca os valores rígidos que constituem o patriarcado. O sexo masculino precisava perceber o sexo feminino como um objeto no qual eles podiam aumentar sua masculinidade. No entanto, Virginia Woolf favorece em *Um teto todo seu* o uso de uma linguagem andrógina para demonstrar que diferentes identidades de gênero podem obter uma conexão comum por meio de uma linguagem que não é puramente masculina nem feminina. Essa ideia separa o sexo do gênero, pois implica na compreensão entre identidades de gênero que não são restritas nem opostas, mas que são capazes de se expressar e desenvolver sua identidade livremente. É importante ressaltar que a linguagem andrógina de Woolf é uma ideia verdadeiramente progressista para enfrentar os efeitos das relações de gênero na sociedade patriarcal durante a primeira onda do feminismo, o que contribuiu para a evolução da teoria de gênero posteriormente. Além disso, as passagens do Professor von X e de Judith Shakespeare são perspectivas polarizadas que se conectam bem, pois expõem o quão prejudicial é o curso de ações patriarcais para as mulheres. Em ambos os casos, o gênero feminino é retratado pelos homens como seres não inteligentes, fracos e passivos. Além disso, há implicações explícitas de agressão física e psicológica, o que, na verdade, leva

Judith Shakespeare a cometer suicídio quando ela percebeu que vivia em um mundo onde não havia oportunidades para as mulheres além da dedicação ao trabalho doméstico e satisfazer as necessidades masculinas. No entanto, o fato de o gênero feminino ser irracional e fraco carece de fundamentos válidos e, de fato, sugere que foi imposto por meio de um desejo abusivo masculino de obter autoconfiança social. Portanto, ambas as histórias não apenas demonstram que muitas mulheres se submeteram aos valores universais e interesses masculinos sofrendo por séculos, mas que esses valores eram infundados e que era necessária a busca por novos valores que beneficiassem todas as identidades de gênero. Apesar da possível fragmentação dentro do movimento feminista, Woolf advoga por um movimento sociopolítico inclusivo que se baseia nos princípios de igualdade, liberdade e solidariedade. Portanto, *Um teto todo seu* estabelece um modelo feminista que considera cada indivíduo como ele é — ser humano — em um ambiente de apoio e compreensão mútua.

Assim, o ensaio de Virginia Woolf destaca como o patriarcado tem perpetuado a suposição de que o gênero feminino é o oposto do sexo masculino. Ela enfatiza como a literatura e a linguagem são ferramentas para manter o sistema patriarcal e como o gênero se relaciona com a mente subjetiva. Woolf usa a técnica da mudança de personas narrativas para mostrar a multiplicidade de vozes femininas e como o feminismo deve ser inclusivo para enfrentar o sistema patriarcal. No entanto, as relações de poder não foram apenas criadas com base no gênero, mas também na sexualidade, que levaram à fragmentação dentro do movimento feminista. Portanto, *Um teto todo seu* destaca a importância de considerar essas diferenças e trabalhar em direção a um feminismo verdadeiramente inclusivo.

Referências

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

BUTLER, JUDITH. **Performative Acts and Gender Constitution**: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. Theatre journal, The Johns Hopkins University Press, v. 40, ed. 4, p. 519- 531, 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3207893>. Acesso em: 2 jan. 2024.

EAGLETON, Mary. **Literary Representations of Women**. A History of Feminist Literary Criticism, edited by Gill Plain and Susan Sellers. Cambridge University Press, 2007.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GOLDMAN, Jane. **The Cambridge Introduction to Virginia Woolf**. Cambridge University Press. Nova Iorque, 2006.

JHONSON, Allan G. **The Gender Knot**: Unraveling our patriarchal legacy. Philadelphia: Temple University Press, 2005.

KNELLWOLF, Christa. **The History of Feminist Criticism**: Gender and Sexuality. Twentieth-Century Historical, Philosophical and Psychological Perspectives, Cambridge University Press, v. 9, p. 193-206, 2001. DOI:10.1017/CHOL9780521300148.017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/307399413_The_History_of_Feminist_Criticism. Acesso em: 3 jan. 2024.

MORRIS, Pam. **Literature and Feminism**. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.

MULLIN K. **Modernisms and feminisms**. In: Rooney E, ed. The Cambridge Companion to Feminist Literary Theory. Cambridge Companions to Literature. Cambridge University Press, p. 136-152, 2006.

WOOLF, Virginia. **A Room of One's Own**. Global Grey Ebook, 2021. Disponível em: <https://www.globalgreybooks.com/room-of-ones-own-ebook.html>

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução: Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Data de submissão: 30/05/2025

Data de aceite: 04/09/2025